MONTEIRO LOBATO, O TRADUTOR

Denise Rezende Mendes

Denise Rezende Mendes

MONTEIRO LOBATO, O TRADUTOR

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, elaborada sob a orientação da Profa. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira.

Juiz de Fora
Instituto de Ciências Humanas e de Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora
Março de 2002

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira (Orientadora)

Profa. Ana Cláudia Peters Salgado

Profa. Dra. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva

Instituto de Ciências Humanas e de Letras da UFJF
Juiz de Fora, março de 2002

DEDICATÓRIAS

À PROFESSORA Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira,

Que, com sua incansável dedicação e seu inquestionável exemplo de profissionalismo, deixou em mim marcas que me acompanharão onde quer que eu esteja.

À PROFESSORA Ana Cláudia Peters Salgado,

Pelo exemplo concreto de que o ver o aluno como indivíduo – com mais possibilidades do que com impossibilidades - não é algo virtual, mas, antes de tudo o mais, algo real.

À Juliana, Érika, Giovana, Newton e Christian,

Pelos bons momentos que passamos juntos, que nos fizeram entender que sempre, ad eternum, precisaremos do outro para podermos fazer uma boa tradução da vida.

A Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato na pessoa da sra. Jacira R. Garcia,

Que não poupou esforços para atender às minhas solicitações.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos virão através do gravar, aqui, as palavras que pessoas queridas me disseram e que se tornaram a mola propulsora para que eu, não só começasse a vida acadêmica e este trabalho, como também conseguisse chegar ao final de ambos:

Palavras do meu marido, Flávio, escritas e deixadas sobre a mesa do café da manhã no último dia de inscrição para o curso de Letras - quando eu ainda estava em dúvidas sobre se deveria reiniciar os estudos depois de vinte e um anos parada:

"Boa inscrição".

Palavras da minha filha, Raquel, aos irmãos - nas quais pude inferir todo o respeito que ela tinha ao ver sua mãe de volta aos bancos escolares:

"Gente... fiquem quietos que a mãe tá estudando!..."

Palavras da minha filha Míriam, depois de eu passar por uma grande decepção acadêmica:

"*Para cada dia de vergonha, mãe, dupla honra..."*

Palavras do meu filho, João Marcos, quando soube que eu iria fazer o Bacharelado em Tradução:

"*Formô..."* (Traduzindo: Legal!)

Deixo o meu agradecimento a Deus no final, não por ELE ser o último da lista, mas por eu hoje entender que tudo que aconteceu, iniciou primeiro no coração dELE. Aproveito, então, para deixar gravadas as palavras que ELE me disse, através da *Bíblia*, no livro 2 Coríntios:10,11 - quando estava a ponto de parar essa caminhada e pedi, em oração, que ELE me falasse:

> *"E nisto dou minha opinião; pois a vós outros, que, desde o ano passado, principiastes não só a prática, mas também o querer, convém isto:*
> *Completai, agora, a obra começada, para que, assim como revelastes prontidão no querer, assim a leveis a termo, segundo as vossas posses".*

Um país se faz com homens e livros.

MONTEIRO LOBATO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 9

1.HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NO BRASIL: A MUDANÇA DA LÍNGUA DE CULTURA.....15

2.TEORIAS NA TRADUÇÃO

2.1 Domesticação e estrangeirização na tradução.....21

2.2 Patronagem na tradução.....22

2.3 Tradução, reescritura, manipulação e identidade cultural.....23

3. AS FACETAS DE MONTEIRO LOBATO

3.1 Monteiro Lobato, o escritor.....26

3.2 Monteiro Lobato, o ser político.....31

3.3 Monteiro Lobato, o editor/patrocinador.....35

4. MONTEIRO LOBATO COMO TRADUTOR.....40

4.1 A tradução de *A Farewell to Arms*.....44

CONCLUSÃO.....55

BIBLIOGRAFIA..... 57

Figura 1- Monteiro Lobato
Fonte:www.graudez.com.br

Monteiro Lobato é, certamente, muito conhecido como o autor de livros de literatura infanto-juvenil, principalmente do *Sítio do Picapau Amarelo.* Como autor de livros para um público mais adulto, Monteiro Lobato defendeu o Brasil como um local povoado por cidadãos conscientes da grandeza do país. Esses fatos são conhecidos por grande parte do povo brasileiro, mas poucos conhecem Monteiro Lobato, o tradutor. É essa faceta pouco visível de Monteiro Lobato que me proponho, nesse trabalho, a desvelar, sem, no entanto, deixar de entrelaçá-la às demais, quais sejam, as de escritor, editor e ser político, ligado a questões importantes acerca da soberania nacional.

O desejo de analisar o envolvimento de Monteiro Lobato com a tradução nasceu da constatação, feita durante o Curso de Bacharelado em Letras- Ênfase em Inglês da Universidade Federal de Juiz de Fora, de que muitos fatores influenciam um tradutor no momento de executar a sua tarefa, tais como: a decisão sobre a ideologia que permeará esse trabalho que determinará a realização de uma tradução domesticante ou estrangeirizante e as informações acerca da instituição que requer essa tradução e do seu público-leitor.

Foram vários os materiais utilizados para o descortinamento do lugar que a tradução ocupou na vida de Monteiro Lobato e da importância de suas traduções no processo de formação da cultura brasileira e da teorização e da prática tradutórias desse escritor. Nesse sentido devem ser citados os volumes 1 e 2 de *A Barca de Gleyre*, compostos das cartas de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, *O Furacão na Botocúndia*, de Carmem Lúcia Azevedo et ali. e *Brazilian Tradition*, de Heloisa Gonçalves Barbosa e Lia Wyler, dentre outros. O livro *A Farewell to Arms*, de Ernest Hemingway, e a sua tradução para o português do Brasil, *Adeus às Arma*, serviram para avaliar, em linhas gerais, a práxis tradutória de Lobato.

Nascido a 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, no estado de São Paulo, José Renato Monteiro Lobato, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, mudou, mais tarde, o seu nome para José Bento Monteiro Lobato para poder usar a bengala que herdara do pai, que continha as iniciais JBML.

Em 1900, Monteiro Lobato matriculou-se na Faculdade de Direito em São Paulo, segundo ele "apenas para satisfazer a vontade de meus pais [...] porque aparentemente a minha verdadeira vocação era para a pintura. Basta dizer que desenhei antes de falar [...] E foi essa irredutível inclinação que me encaminhou para a literatura" (LOBATO,1946:4). Na Academia de Direito de São Paulo, conheceu Ricardo Gonçalves, Tito Lívio, Godofredo Rangel, Lino Moreira, José Antônio Nogueira, com os quais formou um grupo de estudo e publicou jornais literários como o *Minarete*. Durante o curso de Direito, publicou artigos, crônicas e também alguns contos. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1904. Em 1907, foi nomeado promotor público da comarca de Areias, interior de São Paulo, exercendo esse cargo por sete anos.

No dia 12 de novembro de 1904, Lobato publicou, no jornal *O Estado de São Paulo*, o artigo "Uma velha praga", que lhe abriu as portas para se tornar colaborador assíduo da *Revista do Brasil* que, naquele ano, acabara de ser fundada. Casou-se com Maria Pureza da Natividade, em 1908. Nasceram dessa união quatro filhos: Edgar, Guilherme, Martha e Ruth. Em 1911, herdou a fazenda de seu avô e para lá se mudou. Em 1917, foi obrigado a vender essa fazenda, transferindo-se para São Paulo.

Em 1918, Lobato comprou a *Revista do Brasil*, que possuía uma proposta nacionalista lançada, em janeiro de 1916, por intelectuais, políticos e jornalistas ligados ao grupo do jornal *O Estado de São Paulo* onde colaborou com contos, artigos e crítica de artes plásticas. Ao comprar essa revista, Lobato formou uma empresa ligada à *Olegário & Cia*, denominada *Olegário Ribeiro, Lobato & Cia.*. Em novembro de 1919, as duas empresas foram dissolvidas, dando origem à Sociedade Editora Olegário Ribeiro. Em 1920, como os negócios cresceram enormemente, Monteiro Lobato fundou a *Monteiro Lobato & Cia*, que, já em 1921, contava com mais de trezentos vendedores, que levavam obras aos pontos mais distantes do país. Essa companhia ficou bastante endividada e, para poder continuar seus projetos, transformou-se na *Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato*, que tinha como acionistas pessoas importantes de São Paulo. Essa editora se tornou a mais importante do país, com tecnologia de ponta. Pouco mais de um mês após a sua fundação, aconteceu em São Paulo a Revolução dos Tenentes, que paralisou a empresa por dois meses, gerando uma série de contratempos, que a levaram à falência, em 1925. Como era do seu estilo, Lobato não se entregou: fechou uma empresa, mas criou outra, a *Companhia Editora Nacional*.

Em 1926, Monteiro Lobato foi nomeado adido comercial em Nova Iorque, tendo permanecido nos Estados Unidos por cinco anos. Retornou ao Brasil em 1931, dedicando-

se a uma intensa campanha pela exploração do petróleo e do ferro, nos quais ele afirmava estar a grande saída para as dificuldades nacionais. Por causa de seus ideais nacionalistas, foi perseguido e, em 23 de março de 1941, foi preso, sendo libertado somente noventa dias depois. Em 1943, Lobato e Caio Prado fundaram a *Editora Brasiliense*. Em 1946, depois da morte de dois de seus filhos, Monteiro Lobato mudou-se para a Argentina, onde se dedicou a atividades editoriais, tendo retornado ao Brasil em 1947, vindo a falecer no dia 4 de julho de 1948.

Segundo Nélson Palma Travassos, citado por Artur Neves (1946), o brasileiro, conduzido por Lobato, começou a discutir os mais importantes problemas econômicos do país. As obras de Monteiro Lobato tiveram por objetivo formar o caráter do povo brasileiro e elevar o país a uma posição de destaque no cenário internacional, sendo esse o mesmo motivo que o levou às traduções de filosofia, história, religião, memórias e ficção, tanto destinadas ao público infanto-juvenil, quanto as voltadas para um público mais adulto. A atividade de tradutor foi exercida ao longo de aproximadamente nove anos, período no qual trouxe para o português do Brasil cerca de setenta e sete obras, provenientes das línguas inglesa, francesa e italiana. Além de tradutor, Lobato também foi adaptador de obras importantes da literatura infantil mundial, tais como *Pinocchio,* do italiano Carlos Collodi; *Robinson Crusoé*, do inglês Daniel Defoe, e *Contos de Fadas*, do francês Charle Perrault.

Segundo Lawrence Venuti, em seu artigo “Invisibility” (1995), tanto a escolha da mensagem quanto da cadeia de significantes demonstram não só o caráter transformador da tradução como a presença do tradutor. Como em um jogo, existe a necessidade de se fazerem escolhas para que a obra atinja o público-alvo desejado. Portanto, a tradução desempenha um papel importante, sendo um meio através do qual são formadas identidades

culturais. Nesse sentido, nesta monografia pretendemos caracterizar a atividade tradutória de Monteiro Lobato como responsável pela formação de sujeitos domésticos.

No primeiro capítulo desta monografia faremos um breve relato da tradução no Brasil, desde a descoberta do país até a década de 40 do século XX, quando, com a contribuição de Monteiro Lobato, a língua de cultura deixou de ser o francês para ser o inglês. Desde o princípio, o descobridor português dependeu de tradutores para entender e se fazer entendido pelos nativos brasileiros e, mais tarde, com a chegada, aqui, de diferentes povos, os tradutores, quer de textos orais ou escritos, continuaram sendo de grande importância para a permanência desses em solo brasileiro.

No segundo capítulo abordaremos os conceitos de domesticação e estrangeirização, patronagem, reescritura e manipulação, que se fazem presentes nos estudos da tradução hoje desenvolvidos. Neste momento, também enfatizaremos o papel da tradução como formadora de identidades culturais.

No terceiro capítulo temos por meta desvelar as várias facetas de Monteiro Lobato: de escritor, de ser político, de editor e, principal e finalmente, de tradutor, mostrando a sua importância no cenário da literatura nacional. Tais facetas caracterizaram o cidadão que contribuiu para a formação de uma nação próspera, não só intelectual quanto materialmente falando.

No último capítulo confrontaremos o pensamento tradutório lobatiano – explicado por ele mesmo - com a sua prática de tradução da obra do escritor americano Ernest Hemingway, A *Farewell to Arms* (*Adeus às Armas*). A escolha desse livro não foi aleatória, pois o estilo de escrever de Ernest Hemingway era sem adornos supérfluos, pois ele tinha a intenção de fazer com que as palavras por si mesmas expressassem pensamentos

e sentimentos. Esse era o estilo que Monteiro Lobato exaltava e dizia privilegiar em suas traduções.

Esperamos, com este estudo, contribuir não só para uma percepção da atuação de Monteiro Lobato como tradutor, como também para um melhor entendimento da história do Brasil em um período político, econômico e cultural de importantes mudanças.

Para entendermos a trajetória da tradução no contexto brasileiro até os anos 40 do século XX, seguiremos os passos de Lia Wyler (1995:30-60), para quem a história do desenvolvimento da tradução no Brasil se confunde com a própria história do nosso país.

A 1º. de maio de 1500, Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal relatando o descobrimento de nova terra a leste da linha do Tratado de Tordesilhas, deixando claro o primeiro ato de tradução realizado entre os portugueses e os indígenas, quando ambos os grupos utilizaram a mímica para poderem se entender. A figura do intérprete (tradutor) foi imediatamente institucionalizada pelos descobridores pois, segundo classificação de Greenberg, havia no século XVI no Brasil 102 grupos indígenas e três ramos lingüísticos: o tupi, o mano-jê e o aruaque. Tamanha diversidade de línguas conduziria, fatalmente, ao bilingüísmo como até mesmo ao plurilingüísmo, havendo necessidade de tradução intergrupal. Por outro lado, tal estado de coisas gerou o surgimento de línguas francas, como o abanheenga, de tronco tupi, falado no litoral, e o cariri, de tronco macro-jê, presente no interior do nordeste.

O primeiro intérprete europeu no Brasil foi Afonso Ribeiro, servo de D. João Telo. No momento em que esse cargo foi instituído foram definidas as normas para tal função, tais como: quem seria o intérprete e que comportamento deveria adotar para facilitar o intercâmbio entre os grupos que participariam do sistema. Nos séculos seguintes ao descobrimento do Brasil, foram encontradas várias citações de viajantes e administradores sobre a vital importância da presença do intérprete para seus negócios.

Em 1549, com a chegada dos jesuítas, tanto a língua tupi quanto o cariri foram estruturados em gramáticas, elaboradas com a específica função de facilitarem a catequização, tornando mais dóceis os novos súditos do rei de Portugal. Esses religiosos não mediram esforços para aprenderem o abanheenga, que seria utilizado como instrumento

de poder espiritual e terreno. Esforçaram-se tanto que logo se viram aptos a atuarem sem a ajuda dos línguas, nome esse dado aos que atuavam como intérpretes. Missionários e alunos se transformaram em intérpretes de línguas nativas e de uma mesma política. Foi José de Anchieta quem rebatizou o abanheenga de nheengatu (bela língua). Essa língua, depois de um século do descobrimento do Brasil, firmou-se como língua oficiosa, utilizando-se de intérpretes para os contatos com as autoridades.

Já em 1560, com a proibição de se escravizar índios, começou uma grande importação de mão-de-obra escrava, que era composta por africanos, que, ao desembarcarem, viram-se obrigados a aprender o português para entenderem seus colonizadores, como também a aprender a língua franca, a fim de se comunicarem com seus companheiros. Houaiss, segundo Wyler (1995:41), afirma já existirem, no meio dos escravos que chegavam, aqueles que já sabiam uma língua franca de base portuguesa. Esses, então, eram colocados nas funções de comando, como capatazes, e eram os intermediadores (tradutores) entre os colonizadores e os demais.

No século XVI, havia um desequilíbrio territorial por motivos ainda não detectados com clareza, o que contribuiu para que a língua tupi fosse a língua franca no Brasil. Com a abertura de portos brasileiros às nações amigas, em 1808, o território do Brasil passou a ser freqüentado por piratas, corsários, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses, e, em maior número, entre 1891 a 1900, por suíços, belgas, alemães, ingleses, russos, japoneses, italianos, austríacos, franceses e turco-árabes, fortalecendo, assim, o plurilingüismo, não só durante o colonialismo, como também depois dele.

Com tantas línguas sendo faladas em território brasileiro, podemos afirmar que, desde o descobrimento do Brasil, houve um extraordinário número de línguas em confronto, o que exigiu a presença de mediadores – os línguas ou intérpretes

(WYLER,1995:42). Com a valorização das línguas ditas de cultura, como as européias, em relação ao nheengatu, aconteceu uma elitização da profissão de tradutor. Houve, então, um grande esforço de Portugal para eliminar o nheengatu. Um desses esforços foi a expulsão dos jesuítas do território brasileiro em 1759. No entanto, o que realmente surtiu efeito foi a primeira Assembléia Constituinte Brasileira, em 1823, quando a língua portuguesa foi declarada língua nacional.

Depois de todos esses fatos relevantes para o entendimento do desenvolvimento da tradução no Brasil, torna-se importante salientarmos que a tradução teve como marco inicial o monopólio do ensino e da catequese feitos pelos jesuítas, que apenas recebiam um subsídio de D. João III, a título de missões, eximindo-os de ensinarem a todos, mas tão somente aos que se tornariam sacerdotes, com vistas à catequese da nova terra. Por conseguinte, o estrangeiramento das elites e a elitização do ensino foram os determinantes do crescimento da tradução literária no Brasil, o que se transformou em fator de segregação: do negro, por ser escravo, e das classes menos aceitas, como o índio, a mulher e o pobre.

A gramática portuguesa, o latim, a retórica, a matemática, a filosofia e a teologia moral passaram a fazer parte do currículo que visava a preparar os filhos das elites coloniais para as universidades européias. Os livros, tão necessários aos mestres e alunos, não eram impressos no Brasil. Conforme o Alvará de 20 de março de 1720 e a Provisão de 6 de julho de 1747, o Brasil foi proibido de imprimir, findando tal sentença com a chegada da corte em 1808.

As bibliotecas da Companhia de Jesus possuíam um acervo de 12 mil volumes no Maranhão e no Pará, 5.434 no Rio de Janeiro, 15 mil em Salvador. Podiam ser encontradas obras em francês, espanhol, inglês, italiano, latim e grego. No entanto, as obras que mais

predominavam eram as em francês, as traduções do francês e as retraduções do francês. Desse modo, podemos dizer que a visão de mundo do brasileiro é uma resultante da influência da língua portuguesa e, através dessa, da língua francesa. A importância dessa língua tomou tal proporção no Brasil que, em 1823, competiu com o português e o nheengatu na escolha da língua nacional. Tamanha influência pode ser comprovada nas seguintes afirmações de Joaquim Nabuco (1848-1910): “O brasileiro lê o que a França produz. Ele é pela inteligência e pelo espírito, cidadão francês” (NABUCO citado por WYLER, 1995:72); e de Gilberto Amado (1887-1969): “A França, para mim, como para todos os jovens do meu tempo era, por assim dizer, o ar que nosso espírito respirava. O herói nacional do moleque do meu tempo não era Caxias, nem José Bonifácio, mas Napoleão Bonaparte” (CARELLI citado por WYLER, 1995:72). A importância do francês como língua de cultura estendeu-se até as primeiras décadas do século XX, o que pode ser referendado pela afirmação de Monteiro Lobato de que: “Minha biblioteca é de uma pobreza incrível de livro em língua portuguesa. Quase tudo em francês. Uma vergonha.” (LOBATO citado por WYLER,1995:72). No artigo “Brazilian Tradition” ("A Tradição Brasileira"), escrito por Heloisa Gonçalves Barbosa e Lia Wyler (1998) também encontramos referência à língua francesa, considerada, no final do século XVIII e início do século XIX, como a língua de cultura.

Consta que a primeira tradução impressa na Imprensa Régia, a primeira editora brasileira inaugurada em 1808, foi *Elementos de Álgebra*, de autoria de Leonhard Euler. Esse livro, publicado em 1809, foi o marco inicial da tradição de traduções de livros técnicos das áreas de matemática, engenharia, economia, saúde pública, geografia e viagens, astronomia e filosofia. Já a primeira tradução literária, na verdade sobre teoria

literária, impressa no Brasil foi *Essay on Criticism* (*Ensaio sobre a Crítica*), de Alexander Pope, em 1810, feita pelo Conde de Aguiar.

A partir de 1822, ano da independência do Brasil, foram surgindo outras editoras que se dedicavam a obras escritas originalmente em outras línguas, mas traduzidas a partir do francês e, com pouca freqüência, a partir do espanhol. No entanto, muitas das obras publicadas no Brasil eram reimpressões de traduções publicadas em Portugal. Escritores como Machado de Assis e José de Alencar tiveram suas obras impressas na Europa.

Fatores como o alto custo da produção de papel, falta de mão de obra qualificada e o alto preço da importação de equipamentos e de matéria-prima, dificultavam a produção e a publicação de traduções a preços baixos no Brasil. Assim, quando as companhias de barcos passaram a operar no Brasil, em 1851, tornou-se mais vantajosa a importação de livros do que a sua impressão em território nacional. Durante vários períodos (1815-36, 1844-60, 1920-29 e 1951-57) as taxas de importação de livros foram menores do que as taxas de importação de papel e celulose. Até a Primeira Guerra Mundial, foram impressos livros didáticos e sobre leis. O ano de 1920 foi um marco na mudança no panorama de publicações de livros no Brasil. A indústria de papel cresceu e a população passou a ter condições financeiras para a aquisição de livros. O índice de alfabetizados aumentou, assim como o número de horas de lazer dos trabalhadores. O público, então, passou a exigir livros publicados em português do Brasil e não no português europeu. Em 1938, o então presidente da república, Getúlio Vargas, determinou que a língua a ser utilizada na educação formal do Brasil seria o português.

A Segunda Guerra Mundial trouxe importantes mudanças para a indústria de livros no Brasil: a importação de livros tornou-se difícil, forçando o crescimento de editoras no país; o Brasil entrou na esfera de influência dos Estados Unidos, o que tornou a língua

inglesa a principal língua-fonte de tradução. Foi nesse período que surgiram figuras de destaque como Monteiro Lobato, que fundou as suas próprias editoras e traduziu e adaptou obras de autores renomados, como também modernizou várias traduções que haviam sido feitas para o português de Portugal.

Em levantamento feito através do material fornecido pelo *Acervo Monteiro Lobato,* pudemos constatar o papel importante exercido por Monteiro Lobato quanto a mudança da língua de tradução do francês para o inglês. Na verdade, houve grandes alterações até mesmo no que diz respeito às capas dos livros, antes amarelas nas brochuras francesas, depois com cores vivas, vibrantes.

Nesse momento, termina o nosso breve relato sobre a história da tradução no Brasil para que possamos abrir espaço para Monteiro Lobato, que, como patrocinador, escritor, editor e tradutor, empreendeu um novo rumo a essa história, principalmente quando se leva em conta a mudança da língua de cultura em nosso contexto do francês para o inglês.

2.1. DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO NA TRADUÇÃO

Lawrence Venuti (1995:1-42), no artigo intitulado "Invisibility" ("Invisibilidade"), referindo-se ao contexto da tradução anglo-americana, aponta a questão da transparência ilusória na tradução, que acontece quando o tradutor é levado a traduzir um texto com o objetivo de o fazer parecer ter sido originalmente escrito na língua da tradução, procedimento, esse, denominado de domesticação. Nesse artigo, Venuti usa as nomenclaturas domesticação e estrangeirização, que primeiramente foram utilizadas pelo estudioso Friedrich Schleiermacher (1992). Em linhas gerais, ele caracteriza a domesticação como uma “redução do texto estrangeiro em detrimento dos valores culturais da língua-meta” e a estrangeirização como uma “pressão [etnocêntrica] sobre tais valores a fim de se registrar as diferenças lingüísticas e culturais do texto estrangeiro” (VENUTI, 1995:20).

Em artigo mais recente, Venuti afirmou ser a tradução “uma domesticação pela qual no texto estrangeiro se inscrevem valores lingüísticos e culturais que são inteligíveis para grupos domésticos representativos específicos” (1998:174). A domesticação é, de acordo com esse estudioso, um procedimento inerente à maior parte dos textos traduzidos. Se se almeja que o texto-fonte alcance a cultura-meta, elementos pertinentes a esse público-alvo serão inscritos, reescritos, repensados, recriados para que aconteça a tradução.

Já a estrangeirização acontece quando valores culturais do texto-fonte são incorporados ao texto-meta. Antoine Berman afirma que a boa tradução é a que impõe limites à negação do etnocentrismo, estabelecendo, assim, "uma abertura, um diálogo, uma hibridação, um descentramento, e portanto forçando a língua e a cultura doméstica a registrarem a estrangeiridade do texto estrangeiro" (BERMAN citado por VENUTI,

1998:195). Como exemplo de estrangeirização podemos mencionar a prática dos irmãos Campos que, a partir de sua experiência como poetas concretistas, abriram a língua portuguesa do Brasil a possibilidades diversas, provenientes das mais diferentes línguas.

2.2. PATRONAGEM NA TRADUÇÃO

A patronagem desempenha um papel fundamental na tradução, porque é por meio dela que textos, autores, literaturas e procedimentos tradutórios são escolhidos visando a preencher uma lógica estabelecida por um patrono, que possui as suas próprias razões para suas escolhas. André Lefevere afirma que "a patronagem está geralmente mais interessada na ideologia da literatura do que na sua poética" (1992b:5). Essa patronagem ideológica pode ser exercida por grupos políticos, religiosos, pela mídia e outros grupos unidos por ideais comuns, tentando estabelecer um equilíbrio nas várias vertentes de pensamentos divergentes dos seus - mas visando a estabelecer os seus próprios.

Segundo Lefevere, a patronagem é composta por três elementos, que se interagem de várias maneiras: o elemento ideológico, que vai limitar as escolhas dos assuntos; o elemento econômico, pois os escritores e reescritores precisam sobreviver, portanto, precisam ser remunerados e, por último, o elemento denominado de status, isto é, a integração daquela literatura que foi traduzida mediante patrocínio e que tem como meta um certo grupo e seu estilo de vida (1992b:5). Segundo esse estudioso, existem sistemas que se utilizam da patronagem diferenciada: quando existe uma relativa independência entre os fatores econômico e o ideológico; e aqueles que se valem da patronagem não-diferenciada: quando existe por parte do patrocinador uma preocupação com o sistema social visando a mantê-lo estável, através de sua produção literária, isto é, essa produção

não deve se opor aos mitos que foram criados pelos que estão no poder e são assim mantidos, porque é através deles que o poder se mantém (1992 b:13).

Ao aceitarem ser patrocinados, tanto escritores quanto reescritores - estando os tradutores entre eles - estão cientes de que terão que aceitar os paradigmas daqueles que os estão patrocinando. Os patrocinadores, sem desmérito algum para eles, visam ao lucro e, para que isso aconteça num *continuum,* estão sempre alertas às literaturas que causarão impacto sobre o público, não só em termos de conteúdo, mas também em termos de forma. Esse proceder pode acarretar mudanças no gosto literário do público leitor, pois, ao buscarem novos estilos, os patrocinadores estarão também formando novos gostos e, principalmente, novas maneiras de pensar. Se, por algum motivo, o público-leitor não receber a(s) obra(s) da forma que os patrocinadores imaginaram, há uma grande probabilidade de que eles, "encorajando" ou até mesmo "exigindo" (LEFEVERE, 1992 b:12), invistam em literaturas que correspondam ao gosto do público-alvo que eles têm em mente.

2.3. TRADUÇÃO, REESCRITURA, MANIPULAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

A reescritura é a forma através da qual as obras literárias se mantêm vivas. Ela é um modo pelo qual se atinge leitores "não-profissionais", que, como afirma Lefevere, "constituem a grande maioria dos leitores em nossa cultura global ..." (1992c:1). Há diversas formas de reescrituras: as antologias, as críticas literárias e as traduções estão entre elas. Foram justamente as reescrituras que não só tornaram possível a leitura, por parte

desse público citado acima, de obras importantes da literatura mundial, como também descortinaram mundos diferentes para os leitores.

Para Lefevere, as reescrituras

> são produzidas a serviço, ou sob as limitações, de certas correntes ideológicas e/ou poetológicas, e [...] tais correntes não consideram ser-lhes vantajoso chamar a atenção para si mesmas como sendo meramente "uma corrente entre várias outras". Ao invés disso, é muito mais vantajoso para elas se identificarem, completa e simplesmente, com algo menos sectário, de maior prestígio e absolutamente irreversível como o "curso da história" (1992c:5).

Verdadeiramente, o "curso da história" atesta que os textos estrangeiros são reescritos de acordo com o momento vivido nas literaturas da cultura-meta.

As reescrituras são, portanto, uma forma de manipulação. Dentro do enfoque de manipulação, fica evidente que, ao se escolher um determinado texto para ser traduzido, outros são deixados à parte. Depois de escolhido o texto a ser traduzido, o passo seguinte será o de se desenvolver uma estratégia de tradução, onde escolhas serão feitas em concordância com o objetivo proposto, isto é, definindo se os procedimentos tradutórios tenderão à domesticação ou à estrangeirização.

Um exemplo de manipulação na área da tradução é a existência de uma ampla literatura japonesa de ficção moderna em inglês, onde “o cânone de língua inglesa para a ficção japonesa funcionou como um apoio cultural doméstico para as relações diplomáticas americanas com o Japão, que também tinham como intuito conter o expansionismo soviético no oriente” (VENUTI, 1998:182). Importante salientarmos que os romances que mostravam um Japão mais contemporâneo não eram traduzidos para o inglês e, se o fossem, eram publicados por editoras de menor prestígio, tendo sua distribuição limitada. Tal fato demonstra que as traduções servem a propósitos específicos e pré-estabelecidos.

Para Lefevere "o impacto social de uma tradução depende de suas estratégias discursivas e de sua recepção, sendo que esses dois fatores figuram no processo de formação de identidade" (1998a:191). Portanto, as escolhas que são feitas com vista à tradução contribuem para a formação da uma identidade cultural: não só a que a cultura-fonte vai assumir no contexto-meta, como também a que a cultura-meta vai constituir em função dos textos e autores traduzidos e das estratégias utilizadas. Desse modo, assim como a tradução condiciona a identidade que determinada cultura assume no contexto-meta, como a do Japão para a cultura norte-americana, ela também contribui para a formação de sujeitos culturais domésticos, como se verá no estudo das traduções feitas por Monteiro Lobato.

3.1. MONTEIRO LOBATO, O ESCRITOR

Freqüentemente, quando mencionamos para grupos de leitores não-profissionais o nome "Monteiro Lobato", esse é imediatamente relacionado aos livros infanto-juvenis por ele escritos e à adaptação para a TV do *Sítio do Picapau Amarelo,* agora reeditada pela Rede Globo de Televisão. Nesse contexto de exaltação ao pai de Emília, Pedrinho, Narizinho e tantos outros personagens infanto-juvenis por ele criados, a consciência de um Monteiro Lobato ligado à literatura para adultos e à tradução se fez fraca.

Lobato começou a se dedicar à literatura infanto-juvenil após ter se destacado como autor de livros para adultos. É ele quem explica, numa carta ao Professor Venâncio Filho, como começou sua carreira de escritor infanto-juvenil:

> Eu já era editor e estava em meu escritório [...] À tarde entrou o Toledo Malta [...] contou a história de um peixinho que por haver passado algum tempo fora d´água "desaprendera de nadar" e de volta ao rio afogara-se [...] Tal peixinho pusera-se a nadar em minha imaginação [...] e quando Malta saiu [...] escrevi a "História do Peixinho que Morreu Afogado". Depois veio-me a idéia de dar maior desenvolvimento à história [...] acudiram-me cenas da roça. Lembrei-me da mulata Joaquina [..] camarõezinhos [...] guarús barrigudos, filhotes de lambaris [...] também bichos esquisitos, pernudos e molengas[...] Todas essas cenas me foram vindo à tona da memória e comecei a escrever... (1946:27).

Ao responder porque escrevia para crianças, Monteiro Lobato disse que lhe dava muito prazer e que lhe trazia maiores compensações do que quando escrevia para "marmanjos" (1946:30). No *Sítio do Pica-pau Amarelo*, encontram-se duas figuras adultas, D. Benta e Tia Nastácia, além de Pedrinho e Narizinho, que representam crianças sem qualquer ambigüidade. Vale a pena chamarmos a atenção para a constituição dessa família, sem pai nem mãe, que, na estrutura familiar, são as pessoas que passam valores para os filhos. Tal fato suscita maiores considerações, podendo ser visto como uma crítica de

Lobato, pois, no momento do nascimento dessa obra, a sociedade brasileira era altamente patriarcal. Nessa obra, são exatamente as figuras femininas que desempenham o papel de autoridade na história. Já a presença de boneca Emília é o de, não sendo humana, estar desobrigada de ser educada, de ter bom comportamento, representando, portanto, os impulsos reprimidos das crianças, livres da influência educativa (PEREIRA,1982:71). Lobato colocou em livros infantis as questões de sua época, principalmente em *O Poço do Visconde* (1937), onde trata a questão do petróleo. A disposição em abordar assunto tão profundo com um público infantil pode ser justificada pelas palavras do próprio Monteiro Lobato, para quem "A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa preocupação do homem" (1959:249).

Como autor de textos infanto-juvenis, Monteiro Lobato publicou estimadamente quarenta e oito livros, entre os quais se destacam o já mencionado *Sítio do Picapau Amarelo, A Chave do Tamanho, Aritmética da Emília, Geografia da Dona Benta, O Marquês de Rabicó, O Pó de Pirlimpimpim, As Reinações de Narizinho, As Caçadas de Pedrinho, Emília no País da Gramática e Geografia da Dona Benta.*

Por outro lado, a produção de Monteiro Lobato de uma literatura voltada para o público adulto é estimada em cerca de cinqüenta e quatro livros. Nesse sentido, *Urupês* (1918*)* foi o primeiro e é reconhecido pela crítica como um dos mais importantes. Segundo Nelson Palma Travassos, *Urupês* é o marco de transição entre o velho romantismo e a atitude realista não só diante do caboclo como de todas as coisas nacionais. Monteiro Lobato fez o brasileiro abandonar o mundo europeu e adentrar no mundo caipira do interior do Brasil, com o inesquecível Jeca Tatu. Depois, lançou *Idéias de Jeca Tatu* (1919), que

foram artigos que haviam sido publicados em *O Estado de São Paulo.* A vitória comercial de *Urupês* levou Lobato a lançar *Cidades Mortas* (1921), que era uma reunião de artigos antigos que fizeram parte do jornal "Minarete" (1903) . Em seguida, vieram *Negrinha* (1923) e *O Macaco que se fez Homem* (1923). Vamos encontrar Monteiro Lobato engajado em problemas nacionais escrevendo *O Escândalo do Petróleo* (1946).

Quanto a seu estilo de escrever, ele mesmo disse: "Tenho um defeito grave: espremo e encurto demais o enredo, não esclareço bem, não dou coloridos de transposição, faltam-me tons, passo bruscamente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas não me entendem os outros" (LOBATO, 1956:8). Não é de se estranhar, portanto, que o que mais Monteiro Lobato apreciava em seu estilo era a propriedade exata de cada palavra. Dizia que tinha "que travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocábulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística" e que "estilos não se fabricam...são o que são, como o nariz das pessoas" (LOBATO, 1956:276). Monteiro Lobato afirmou ainda que "para bem dizer é mister escrever pouco e concentrado. A prolixidade é o grande mal", que antes ele "´ borrava' dez tiras e no último 'a limpo' obtinha vinte" e acrescentou: "hoje borro dez para obter cinco. Podo impiedosamente nunca me arrependo" (LOBATO citado por NEVES,1946:140).

Monteiro Lobato admirava o estilo de Euclides da Cunha, que evitava prepor o adjetivo ao substantivo, o que, segundo ele, contraria a percepção cerebral lógica, como em "exaustivas correrias", "paupérrimas choupanas", explicando a dificuldade na mecânica da leitura pelo cérebro: sem ter ainda recebido a impressão do substantivo posposto tem que representar ao perceber a impressão de um desses adjetivos. Ele também criticava as formas verbais compostas, dizendo que "as formas verbais simples são esplêndidas de energia"

(LOBATO, 1956:312) e que Euclides só usava as formas compostas quando indispensáveis.

Para Monteiro Lobato, a derivação tinha um papel importantíssimo e, com ela, ele formou palavras novas, com o intuito de economizar outras, por exemplo:

> ...espichou a mãozinha e "pescou" uma dedada de Ambrósia (Hércules II, 217). Ele fez uso de recursos sonoros: Brolorotachbum! (despencou lá de cima)... A chuva chegou – chuáááá; trocadilhos: "Também você Bruto?" e cai atravessado pelos punhais assassinos. Nesse ponto Emília deu uma piadinha. "Acho que a morte de César foi uma brutalidade..." (Hércules II,p.106) (PEREIRA,1982:75, meus grifos).

No artigo "A propósito da Exposição Malfatti", que, ao ser republicado, recebeu o nome de "Paranóia ou Mistificação?" (1917), Monteiro Lobato criticou Anita Malfatti, uma das precursoras do movimento modernista brasileiro, que se caracterizou pela negação às tradições acadêmicas, por uma liberdade de criação e liberdade estética, cujas fontes advinham da cultura e da realidade brasileiras. Importante salientar que a negação de Monteiro Lobato ao movimento modernista não foi tão radical quanto se imagina. Encontramos em sua literatura infantil "o abrasileiramento e a popularização da linguagem, a libertação das normas gramaticais asfixiantes, a oralidade espontânea e cotidiana, a irreverência iconoclasta" (VASCONCELLOS,1982:49), qualidades presentes na escritura dos nossos modernistas. Notamos não só o que havia de novo na Semana de Arte Moderna de 1922, como o elemento nacionalista visando a enfocar a realidade brasileira, como também que esse movimento pouco alcançou, em termos de público, pois os escritores continuavam dirigindo-se à classe elitizada. É exatamente nesse momento que *Urupês* ganhou destaque pois, além de tratar de assuntos nacionais, falava de maneira que alcançava todo tipo de público.

Para Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), Monteiro Lobato enquadra-se no período por ele denominado de pré-modernismo, compreendido entre o início do século XX até a Semana de Arte Moderna, ou seja, de 1902 até 1922. Esse período é marcado por tendências conservadoras e renovadoras. Na tendência renovadora vamos encontrar a miséria e o subdesenvolvimento nordestino, em Euclides de Cunha; a vida urbana e as transformações do início do século XX, em Lima Barreto; a miséria do cabloco do Vale do Paraíba, o anacronismo das práticas agrícolas, em Monteiro Lobato; a imigração alemã no Espírito Santo, em Graça Aranha.

Alfredo Bosi, por sua vez, analisa o papel de Monteiro Lobato nessa fase pré-modernista, dizendo o seguinte:

> Na medida em que a cultura do imediato pós-guerra refletia o aprofundamento de um filão *nacionalista*, o criador do Jeca mantinha bravamente a vanguarda; com efeito, depois de Euclides e de Lima Barreto, ninguém melhor do que ele soube apontar as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico e da I República, que se arrastava debaixo de uma fachada acadêmica e parnasiana [...] Lobato encarnou o divulgador agressivo da Ciência, do progressismo [...] tendo sido um demolidor de tabus... (1977:242).

Monteiro Lobato pôde valer-se do escritor que existia em si para documentar toda a sua inquietação, e, através da suas obras literárias, pôde fazer com que os seus sonhos, ainda que de forma indireta, se tornassem reais. Indireta porque foi na criança que ele encontrou o “porto seguro” para depositar os pressupostos que imaginava indispensáveis à formação de cidadãos conscientes. Como escritor, Lobato deixou claro a sua preocupação com sua pátria e, por isso mesmo, a sua obra pode ser vista como denunciadora dos males que ele entendia serem os agentes causadores do atraso do povo brasileiro.

3.2. MONTEIRO LOBATO, O SER POLÍTICO

Há uma grande dificuldade de desvincularmos os ideais políticos de Monteiro Lobato da sua atuação não só como empresário (editor), mas também como escritor e tradutor. Em todos esses campos de atuação, Monteiro Lobato se mostrou interessado em transformar o país através da transformação de seus habitantes. Em termos de ideologia econômico-social, Monteiro Lobato pode ser descrito como:

> ... alguém rebelde contra a estrutura oligárquica do poder vigente; nacionalista; cada vez mais preocupado com a miséria do povo e consciente de que a propriedade das elites dela dependia; adversário de idéias, crenças, valores – principalmente os da educação católica – que favorecessem a manutenção do *status quo*; vago defensor, em teoria, de idéias socializantes contra o obscurantismo autoritário do poder... (VASCONCELLOS,1982:35).

Monteiro Lobato, ao assumir o controle da fazenda herdada do seu avô, tentou nela introduzir novas tecnologias mas, devido à falta de uma política econômica do Brasil, desistiu de seus ideais produtivos. Para Monteiro Lobato, não só a falta de um programa por parte do governo foi um adversário, como também "o caboclo, que da sua ótica de proprietário lesado, julgou ignorante, preguiçoso, avesso a qualquer inovação, num contraste completo com o herói sertanejo celebrado pela literatura regionalista romântica brasileira" (VASCONCELLOS,1982:34).

Podemos dizer, portanto, que, ao comprar a *Revista do Brasil*, já existia em Monteiro Lobato o objetivo de formar uma consciência nacionalista. Lobato identificava o distanciamento dos brasileiros dos seus problemas como a resultante da influência dos valores europeus - passados através da política educacional vigente. É, pois, dentro da visão política que possuía que a sua obra infantil fluiu: com o firme propósito de influenciar a formação de cidadãos ideais (VASCONCELLOS,1982:52).

A permanência de Monteiro Lobato em Nova York como adido comercial, entre 1927 a 1931, despertou nele o desejo de engendrar meios para que o Brasil progredisse. Tal visão deveu-se ao impacto lhe causado pelo progresso que encontrara nos Estados Unidos e à admiração pelos ideais de Henry Ford, para quem a distribuição de renda exercida eqüitativamente exterminaria de vez a pobreza. Para Ford, todos tinham a sua parcela de trabalho na sociedade, não importando, nem mesmo, a condição física possuída. Ford não classificava nenhum trabalhador como menos ou mais honroso – todos eram de igual importância. A diferença residia no fato de que todos tinham que cumprir oito horas de trabalho, ainda que tivessem que cumpri-las em tarefas que não eram as suas.

Ao regressar ao Brasil, Lobato empenhou-se em uma imensa campanha para a exploração do ferro e do petróleo. Mesmo sendo atacado veementemente por causa de seus ideais, investiu tudo o que tinha numa companhia petrolífera, a Companhia Petróleos do Brasil. No entanto, ele foi perseguido por causa desses ideais, sendo que tal companhia sofreu intervenção federal, tendo sua sonda ficado interditada por quatorze meses.

Em *O Escândalo do Petróleo* (1936), Monteiro Lobato denunciou com veemência a ação das corporações estrangeiras na questão do petróleo e da conivência do governo. Nesse mesmo livro, Lobato conclamou os militares, dizendo: “Se não ter petróleo é inanir-se economicamente, militarmente é suicidar-se. Ora, existe gente interna interessada em nosso suicídio como nação...” (AZEVEDO et al., 1997:286). Em agosto de 1936, o Diretório Estadual da Aliança Nacional Libertadora, movimento que pregava a necessidade de uma conscientização maior por parte dos brasileiros de seus próprios problemas, enviou uma carta a Monteiro Lobato, felicitando-o pelas idéias contidas em *O Escândalo do Petróleo*, que corroboravam os ideais desse movimento. Em um determinado trecho dessa carta, podemos ler:

> O povo brasileiro está hoje perfeitamente esclarecido sobre os revoltantes motivos por que o nosso petróleo e o nosso ferro não são chamados a colocar-nos entre as nações mais ricas do Universo. E isso se deve à inteligência superior e à coragem exemplar de Monteiro Lobato, escritor que enobrece, pelo seu patriotismo pugnaz, a nossa intelectualidade, e lutador que honra, pelo seu talento cintilante, as fileiras de homens de ação que trabalham pela libertação nacional (AZEVEDO,1997:288).

Em 1937, o sonho de Monteiro Lobato de mudar o perfil econômico do país foi abalado. A ditadura de Vargas silenciou os escritores, mas Monteiro Lobato viu-se na obrigação de continuar a exercer a sua cidadania pois, para ele, "potencialidade de riqueza não é riqueza. Possibilidade de riqueza não é riqueza - e ninguém vive de possibilidades" (LOBATO, 1959:19). Monteiro Lobato, mesmo em tempos difíceis, não abandonou o hábito de escrever aos governantes. Ao denunciar-lhes procedimentos ofensivos à economia nacional, gerou desconforto no governo de modo que, em 6 de janeiro de 1941, o general Horta Barbosa pediu ao chefe da Polícia de São Paulo que abrisse um inquérito contra Monteiro Lobato. Antes de ser encontrado pela polícia, Monteiro Lobato foi levado para o Departamento Especial de Ordem Política e Social (DEOPS) e daí foi levado para a Casa de Detenção. Ficou preso durante noventa dias e só foi libertado por possuir amigos influentes. Foi, portanto, com grande coragem que Lobato defendeu teses a respeito da soberania nacional que só mais tarde, em um contexto político totalmente diverso, ganhariam importância.

A atuação política lobatiana está vinculada a fatos históricos que se fizeram presentes no contexto em que Lobato estava inserido e que o impulsionaram a desejar que atitudes mais concretas fossem tomadas para que o Brasil se tornasse próspero. A crise de 1929, causada pala quebra da Bolsa de Valores de Nova York, no dia 24 de outubro, trouxe sérias conseqüências para a economia mundial como, por exemplo, para o Brasil que se

ressentiu da diminuição da importação do café pelos Estados Unidos que teve o crédito externo suspenso e seus débitos tiveram que ser liquidados. Para manter os preços do café, milhões de sacas foram queimadas. O governo, então, expandiu o crédito dos fazendeiros para que não fossem à falência, provocando, assim, a desvalorização da moeda, tendo como resultante a inflação. Os altos preços desesperavam o povo. Em 1930, houve várias revoluções dentro do país. O então presidente do Brasil, Washington Luís, foi derrubado de seu posto por uma junta militar. No dia 3 de novembro desse mesmo ano, Getúlio Vargas recebeu o poder da Junta Pacificadora para governar a nação provisoriamente. Ele governava tentando agradar tanto aos de direita quanto aos de esquerda, criando, desse modo, uma séria instabilidade social. No dia 10 de novembro de 1937, Vargas fechou o Congresso Nacional e apresentou uma nova constituição, culminando com a dissolução dos partidos em 2 de dezembro. Começou nesse momento o Estado Novo, que centralizava o poder, de maneira total, nas mãos de Getúlio Vargas. Investido, pois, de tantos poderes, ele criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que a tudo censurava. Esse foi um momento marcado pela repressão. Importante ressaltarmos que a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1944), agilizou a queda de Getúlio Vargas, pelo fato de ter sido essa guerra causada pela não aceitação dos regimes totalitários existentes na Alemanha, na Itália e no Japão - conseqüentemente, tal comportamento não poderia ser aceito, também, no Brasil.

Esse, portanto, era o ambiente do país que Monteiro Lobato estava inserido: ambiente de grande comoção social e, para Lobato, hora de o povo aprender a entender o que estava acontecendo ao seu redor para, então, posicionar-se, tomar posse do que já era seu – como no caso do petróleo - e, aí, poder constituir-se como uma nação poderosa, não mais escondendo suas possibilidades embaixo de um “jeca acocorado”.

3.3. MONTEIRO LOBATO, O EDITOR / PATROCINADOR

A história do livro no Brasil, conforme mencionamos, tem em Monteiro Lobato um grande inovador. A carreira de Lobato como editor começou em 1918, quando ele comprou a *Revista Brasil* e fundou a primeira editora do país, a Monteiro Lobato & Cia., começando a publicar os seus livros. Lobato verificou que, em todo Brasil, só existiam trinta livrarias capazes de receberem e venderem livros. Indo aos Correios, descobriu que havia mais de mil agências postais. Utilizando-se de tais agentes, inquiriu sobre a possibilidade de existir alguém em cada cidade que pudesse receber em consignação livros para vender. Houve quase uma resposta em massa desses agentes, o que acarretou uma inundação de livros pelo país, contribuindo, assim, para que o brasileiro se acostumasse à leitura. Lobato explicou tal atuação: "O nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde ele está, como o caçador. Perseguimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis leitores desta terra. Não nos limitamos às capitais, como os velhos editores. Afundamos por quanta biblioteca existe" (1956: 239).

As edições, que eram mínimas, cresceram, culminando com a *Menina do Narizinho Arrebitado*, que teve uma tiragem significante de 50 mil exemplares (NEVES, 1946:19). Tudo ia muito bem até que sobreveio a crise da energia elétrica, em 1924. As oficinas, que precisavam trabalhar arduamente para pagar suas contas, viram-se obrigadas a trabalhar de dois a três dias por semana. A Editora Monteiro Lobato & CIA., então, foi à falência em 1925, surgindo em seu lugar a Companhia Editora Nacional.

Nélson Palma Travassos disse, em seus estudos sobre o livro no Brasil, que "a coisa foi uma antes de Lobato e outra depois de Lobato" (TRAVASSOS citado por NEVES, 1946:19), pois, ao mesmo tempo em que editava a si mesmo, Monteiro Lobato ia editando

outros livros, como *Madame Pommery* (1920), *O Professor Jeremias* (1920) e *Populações Meridionais* (1920), do escritor Oliveira Viana; *Vida e Morte de Gonzaga de Sá (*1918), de Lima Barreto; *Amor Imortal,* de A.J. Nogueira , *Livro de Horas de Sóror Dolorosa (*1920), de Guilherme de Almeida, entre outros. Dessa maneira, a sua editora publicou tanto obras não só de literatos, mas também de historiadores, cientistas sociais, sanitaristas, homens que estavam preocupados com os rumos do Brasil.

Os livros de Lobato alcançaram as seguintes marcas editoriais: U*rupês*, entre os anos de 1918 a 1923, teve nove edições; *Cidades Mortas* e *Idéias de Jeca-Tatu* tiveram quatro edições; *Onda Verde* teve duas edições. Deve também ser levada em conta a publicação em massa de seus livros infantis, sob a editoração da *Revista do Brasil* e, depois, da editora *Monteiro Lobato & Cia*. De 1924 até o final da década de 1930, Lobato continuou a produzir obras diversificadas, chegando a atingir a marca de cinqüenta títulos, editados pela Companhia Editora Nacional. Em um espaço de dois anos, *O Escândalo do Petróle*o alcançou cinco edições, *Urupês* chegou a 11ª. edição, *Fábulas* à sétima edição e *História do mundo para crianças* e o *Saci,* à sexta edição. Até o ano de 1935, a Companhia Editora Nacional e a Editora Brasiliense teriam lançado por volta de 1. 520. 000 exemplares de seus livros, que, acrescidos de 5 mil exemplares de cada volume de suas obras completas em trinta volumes e as reedições de seus livros infantis, perfizeram um total superior a 1.800.000 exemplares (MICELI, 2001:100). Monteiro Lobato foi o maior best-seller de 1937, com 1,2 milhão de exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade, ou seja, mais de metade dos 2,3 milhões de exemplares impressos pela Companhia Editora Nacional (BOSI, 1977:146).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que estava em contato direto com as fontes do pensamento brasileiro, Lobato também escolhia autores e obras estrangeiras para serem

publicadas em sua editora, sendo na sua grande maioria provenientes da língua inglesa, como *O Livro da Jângal*, de Rudyard Kipling; *Minha Vida e Minha Obra*, de Henry Ford; *Pollyanna*, de Eleonor H. Porter; *A Filha da Neve*, de Jack London, entre outros. No livro *Em Busca de um Tempo* Perdido (AMORIM, 1999), encontramos um artigo escrito por Monteiro Lobato para o jornal de Porto Alegre, *Correio do Povo*, de 3 de dezembro de 1933, onde ele se posicionou não só como tradutor, mas também como editor. Nesse artigo, Lobato declarou que, antes das suas traduções, as literaturas inglesa, russa, escandinava, americana eram "como se não existissem" (p.157) para os brasileiros e só houvesse a língua francesa. Ele se ufanava de ser responsável por "arejar os cérebros" dos leitores ao editar autores como Wren, Wallace, Burroughs, Púchkin, Stevenson e aos que ele chamava de sumos: Joseph Conrad e Bernard Shaw. Nesse mesmo texto, Monteiro Lobato ainda descreveu o resultado do lançamento de tais autores: "A surpresa do indígena foi enorme. Sério? Seria possível que houvesse no mundo escritores maiores do que Escrich e Dumas? Que fora da França e da Espanha houvesse salvação?" (p.157). Segundo Lobato, o público-leitor consumiu com avidez essas literaturas, pois eram obras "arejadas, cinematográficas, de cenário amplíssimo - não mais a alcova de Paris" (p.158).

A partir do momento em que Monteiro Lobato passou a editar autores estrangeiros, principalmente de língua inglesa, outros editores, vislumbrando um mercado promissor, passaram também a fazer o mesmo. Nesse mesmo artigo acima citado, Lobato afirmou que tal foi a corrida do público-leitor em busca de livros, que cada vez mais obras eram exigidas e, por conseguinte, muitos editores foram abandonando a preocupação de apresentarem boas traduções, chegando ao ponto de apresentarem, segundo ele, "inúmeras traduções perfeitamente infames" (p.158). Para mostrar a sua não aceitação a tais comportamentos, ele declarou: "benditos sejam os editores inteligentes que descobrem bons

tradutores - e malditos os que entregam obras primas da humanidade ao massacre dos ‘traditores’" (p.160).

Houve, nesse período, uma onda de indignação por parte dos autores nacionais por entenderem que suas obras não estavam sendo editadas e por acharem estar havendo uma maior atenção para com os autores estrangeiros. Tal fato, no entanto, não confere com os dados encontrados no *Anuário Brasileiro de Literatura,* que aponta 6.460 edições de autores nacionais (74%) contra 2.252 de autores estrangeiros (26%).

Lobato dispensava um cuidado especial ao editar, não só as obras nacionais como também as traduções, o que pode ser comprovado por palavras dele próprio: “Só editaremos (Editora Monteiro Lobato & Cia.) gente de primeira e as boas coisas da literatura universal. Mas insisto em obter traduções como as entendo. Essas traduções infamérrimas que vejo por aí, não as quero de maneira nenhuma" (LOBATO, 1956:266).

O contexto em que Monteiro Lobato operou foi o de uma patronagem não-diferenciada, uma vez que os elementos ideológico, econômico e de status eram dispensados por uma mesma figura – a dele próprio. Lobato não só exercia o poder para escolher a obra a ser traduzida (elemento ideológico), como também visava o sistema econômico. A citação seguinte, referente a obras por ele mesmo escritas, demonstra a sua preocupação, como editor/patrocinador, com o fator econômico: “Meu livro esgotou-se (...) Só a Livraria Alves vendeu 250 exemplares (...) A primeira edição deu-me livre 1:500$; (...) a segunda edição me vai ficar em 960$, não há mais meio de perder dinheiro com a experiência. Em virtude disso é possível que para o ano eu bote um segundo ovo – coisas velhas, do *Minarete*. A clientela quer” (LOBATO,1956: 178). Outra alusão a lucro encontrada nas cartas de Lobato a Godofredo Rangel é: “O *Saci* é um livro sui-generis (...) ninguém escapa. Dará dinheiro” (LOBATO, 1956:152). Por outro lado, a arte de escrever e

de traduzir, para Monteiro Lobato seria o caminho para a boa formação intelectual dos seus leitores, o que comprova o seu interesse com o status, na medida em que se inseria entre aqueles interessados em substituir o francês pelo inglês como língua de cultura.

Monteiro Lobato traduziu para a nossa língua uma parcela significativa de importantes títulos da literatura inglesa, tendo sido o primeiro escritor de renome a reabilitar esse gênero de trabalho intelectual, até então, encoberto pelo anonimato ou discretamente velado por pudicas iniciais. Lia-se, no frontispício dos livros traduzidos, tradução de J. M., tradução de F. C., ou não se lia coisa alguma, na maioria dos casos. Lobato acabou com tal comportamento e seu nome veio a dar um novo prestígio à tradução, erguendo-a quase ao mesmo nível da produção original (NEVES in LOBATO, 1946:34).

O gráfico 1 salienta o grande volume de obras inglesas traduzidas por Monteiro Lobato e de outras tantas obras de diferentes línguas – as quais traduziu, indiretamente, através da língua inglesa. Os dados presentes nesse gráfico, comprovam a contribuição de Monteiro Lobato para a mudança da língua de cultura no contexto brasileiro.

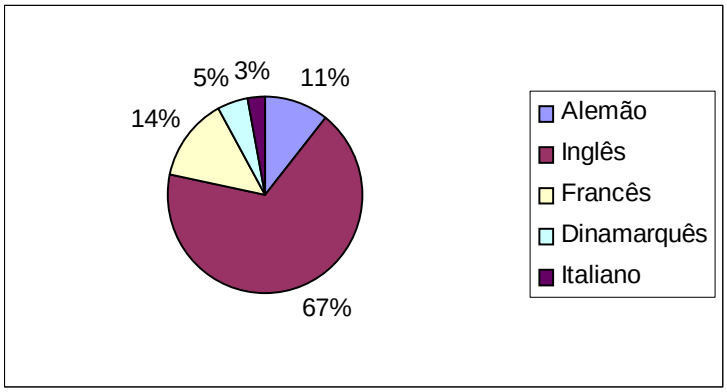

Gráfico 1- Línguas traduzidas por Monteiro Lobato

Já o gráfico 2 demonstra quanto cresceu o volume de traduções realizadas por Monteiro Lobato ao longo de três décadas.

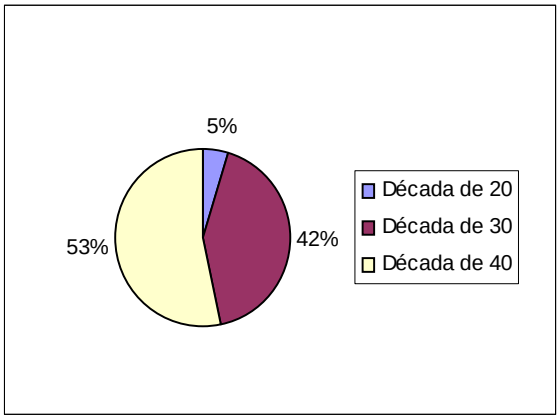

Gráfico 2- Traduções de Monteiro Lobato por décadas

A citação que serve de epígrafe ao presente capítulo expressa, por meio da metáfora da reescritura, o pensamento tradutório de Monteiro Lobato. Uma reverberação desse mesmo pensamento, pode ser encontrada em carta escrita a Godofredo Rangel, aconselhando-o a respeito de como deveria traduzir: “Vai traduzindo...em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma – só em matéria de fundo” (LOBATO,1956:232). Também ao falar sobre o prazer que sentia nessa tarefa, Lobato mostrou a sua preferência pela tradução livre e utilizou a metáfora da tradução como remodelação: “Gosto imenso de traduzir certos autores. É uma viagem por um estilo...Que esporte! Que alpinismo! Que delícia **remodelar** uma obra d’arte em outra língua!” (LOBATO,1956:327, meu grifo).

A metáfora da remodelação, encontrada em Lobato, seria mais tarde, encontrada nos irmãos Campos, para quem "remodelação" e "recriação", seria a possibilidade de violentar a língua da tradução através do original. Nesse sentido, entrelaçam-se aqui, os conceitos de remodelação e de estrangeirização. Não é o que pode ser observado em Lobato. Em suas

correspondências com Godofredo Rangel, encontramos a seguinte declaração do que era, para ele, o ato tradutório: "Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegais! Temos que refazer tudo isso - abrasileirar a linguagem" (LOBATO, 1956:275). Tais premissas remetem-nos, sim, ao conceito de domesticação na tradução. Logo, concluímos que, para Monteiro Lobato, **remodelação** significava importar-se com o fundo, com o conteúdo, e não com a forma. Para tanto, Lobato utilizou os mecanismos lingüísticos já existentes na língua-meta, não acontecendo, portanto, nenhuma renovação lingüística, como a apregoada, e freqüentemente praticada, pelos irmãos Campos.

De acordo com levantamentos e pesquisas feitas, inclusive no Acervo Monteiro Lobato, foi possível concluirmos que das setenta e sete obras traduzidas por Lobato, vinte e cinco foram editadas pela Companhia Editora Nacional, nove pela Editora Brasiliense e quatro por outras editoras, restando trinta e nove traduções sem termos, até o presente momento, a indicação da(s) editora(s) publicadora(s).

No gráfico 3, notamos que a Editora Brasiliense, fundada em 1943 pelo amigo de Lobato, Caio Prado, teve uma participação editorial importante nas suas traduções. Isso se deve, também, ao fato de Lobato ter se tornado sócio, em 1945, dessa editora - já que, em 1930, vendera as suas ações da Companhia Editora Nacional.

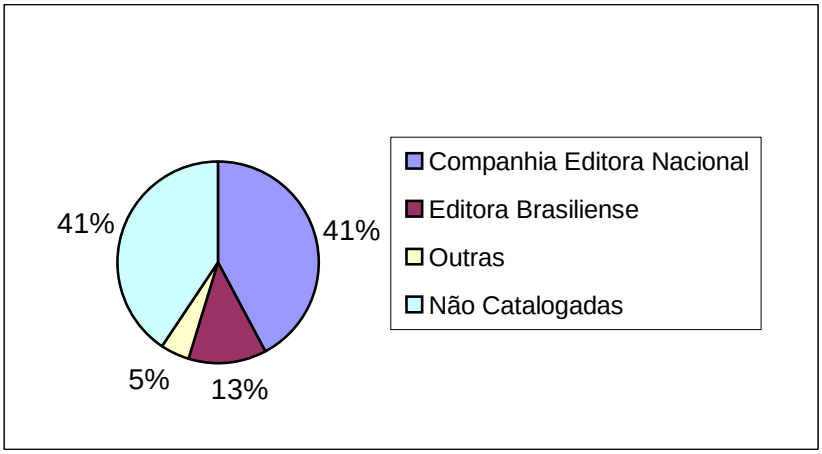

Gráfico 3- Editoras que publicaram as traduções de Monteiro Lobato

Por haver traduzido um grande número de obras, Monteiro Lobato foi acusado de somente se dar ao trabalho de assiná-las. Em *Monteiro Lobato Translator* (2001), Adriana Silene Vieira faz menção ao fato de muitos críticos não crerem que Lobato tenha realizado tantas traduções. Se tomarmos a própria declaração de Monteiro Lobato como a medida do que acontecia, entendemos que tal acusação não procede, pois ele mesmo fez menção à avidez com que traduziu:

> Bem, volte [Godofredo Rangel] à sua tradução. Goza essa delícia de que desassidamente eu vou me privar. Foi a tradução que me salvou depois do meu desastre do petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio, ao álcool ou a qualquer estupefaciente recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente que me acusaram lá fora de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado, - e porisso [sic] abandono o remédio (LOBATO, 1956:366).

Para reafirmarmos ainda mais essa posição, citamos um trecho de outra carta de Lobato para Godofredo Rangel, datada de 16 de junho de 1934 : "Ando a fiscalizar as traduções para o Otales, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! [...] Prefere perder dinheiro a enfiar no publico [sic] uma tradução que eu condene" (LOBATO, 1956:327).

4.1 A TRADUÇÃO DE *A FAREWEEL TO ARMS*

> Se a tradução é literal, o sentido chega a desaparecer; a obra torna-se ininteligível e asnática, sem pé nem cabeça [...] A tradução tem que ser um transplante. O tradutor há que compreender a fundo a obra e o autor, e **reescrevê-la** em português, como quem ouve uma história e depois a conta com palavras suas .
>
> MONTEIRO LOBATO, meu grifo

Nesse momento, à luz do pensamento de Monteiro Lobato sobre tradução, de suas posturas como editor, ser político e escritor e dos conceitos operacionais encontrados no capítulo 3, passaremos a analisar a tradução por ele feita da obra *A Farewell to Arms*, escrita por Ernest Hemingway, que recebeu, em português, o título de *Adeus às Armas*. O nosso interesse nessa obra surgiu em função das aulas do curso de bacharelado, quando foi analisado o primeiro capítulo desse livro (OLIVEIRA, 2000).

Antes, porém, devemos mostrar o quanto a escolha de um texto de Ernest Hemingway se faz importante para a análise em questão. Hemingway sobreviveu a duas guerras, tendo servido na Guerra Civil Espanhola como correspondente do jornal *The Star*, cuja filosofia era a de deixar os seus repórteres livres - com a condição de que eles fossem sempre fiéis ao fato a ser narrado. Sabemos que o cargo de correspondente, e no caso de Hemingway correspondente de guerra, exige uma escrita mais enxuta e, portanto, entendemos ter Hemingway se aprimorado, ou se identificado, com um estilo seco e preciso - desprezando adjetivos e advérbios, com vistas a valorizar o sujeito. Hemingway fez muito uso de diálogos. Seus temas eram simples, os do cotidiano. Na literatura, Hemingway é conhecido como o autor cuja arte consistiu em deixar aparecer apenas a ponta do iceberg, ficando submerso o restante da narrativa. Chamamos, dessa forma, a

atenção para o fato de que Hemingway desafiava os seus leitores para a emoção existente por detrás de cada palavra e os conclamava a ouvirem o pensamento que cada palavra revelava, mostrando, assim, que as palavras eram sempre muito pensadas. Tal postura remeteu-nos ao estilo privilegiado por Lobato, residindo aí, a importância da comparação entre a obra original com a traduzida.

Nas palavras de Peter High,

> *A Farewell to Arms* (1929) é uma história famosa de Ernest Hemingway contra a guerra, onde, como é de seu estilo, a natureza é usada de maneira simbólica. A montanha simboliza vida e esperança; a planície é a imagem da guerra e da morte. Os personagens Frederic e Catherine são amantes durante a guerra. O amor deles é um mundo à parte em meio à guerra. Finalmente, eles fazem a sua própria paz ao escapar para a Suíça, onde não há guerra. Mas a felicidade deles acaba quando Catherine morre ao dar a luz. Amargurado, Frederic compara os seres humanos a formigas alcançadas pelo fogo (HIGH, 1997:146, minha tradução).

Para fins de realização desta parte final, foram comparados os capítulos I, II, XX, XXI, XL e XLI do original e da tradução.Em termos gerais, chegamos à conclusão de que Lobato praticou uma tradução livre, no sentido em que, desconsiderando a simplicidade semântica e sintática de Hemingway, ele levou a cabo o que propalava teoricamente, reescrevendo o texto à sua moda, deixando transparecer suas posturas acerca de diversas questões que o inquietavam. A seguir, apresentaremos alguns exemplos que comprovam as nossas percepções a respeito da tradução de Lobato deste livro de Hemingway.

EXEMPLOS 1- Utilização de estruturas sintáticas mais complexas:

1.1:

O RI G I N A L	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
Beautiful young girls- accompanied by their mothers (p.8).	*Lindas menininhas - acompanhadas por suas mães*	*Lindas pequenas, das que andam acompanhadas pelas mães* (p.15).

.

1.2:

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
There were mists over the river and cluods on the mountain (...) (p.4).	*Havia névoas sobre o rio e nuvens sobre a montanha (...)*	*Das voltas do rio elevava-se um nevoeiro; a montanha distante se toucava de nuvens*...(p11).

COMENTÁRIOS:

O travessão em Hemingway, no exemplo 1.1, funcionou como um breve tempo para que o leitor inferisse o que quisesse e, concomitantemente, lhe fosse apresentada uma sutil explicação. Já em Lobato, a explicação tirou a sutileza pretendida pelo autor ficando, dessa forma, anulado o estilo do original. Há em Lobato um tom pejorativo que não encontramos no original. Já no exemplo 1.2, ao colocar que "*a montanha (...) se toucava de núvens"*, Lobato imprimiu, na verdade, um caráter mais poético, mais exótico, o que vai de encontro a suas observações a respeito de suas preferências por um estilo mais simples.

EXEMPLO 2 - Ausência de repetições:

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
"When you come back bring a phonograph." *"Bring good opera disks."* *"Bring Caruso."* *"Don't bring Caruso. He bellows"* (p.9).	*- Quando você voltar traga um fonógrafo.* *- Traga bons discos de ópera.* *- Traga Caruso.* *- Não traga Caruso. Ele é estridente.*	*- Quando voltar traga um fonógrafo.* *-E disco de ópera* (p.16).

COMENTÁRIOS:

Lobato não só diminuiu duas falas nesse diálogo como também ignorou a repetição do verbo “to bring” (trazer) no modo imperativo “bring" (traga) - o que nos parece uma grande perda, pois a idéia que o autor queria passar era a que realmente acontece quando alguém vai viajar: todos começam a pedir *traga... traga...*, ficando clara, mais uma vez, a ruptura do estilo de Hemingway.

EXEMPLO 3 - Omissões e adjetivações mais complexas:

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
... and in the fall when the rains came the leaves all fell from the chestnut trees and the branches were bare and the truncks black with rain (p.4).	*... e no outono, as chuvas vieram, as folhas caíram das castanheiras e os galhos estavam nús e os troncos negros por causa da chuva.*	*... e quando chegou o outono as folhas dos castanheiros também caíram e vimos a galhada e os troncos desnudos e enegrecidos pelas chuvas* (p.11).

COMENTÁRIOS:

Notamos a omissão da oração *when the rains came* e da adjetivação presente em palavras maiores, mais conotativas: *desnudos, enegrecidos.* Além disso, notamos a falta do recurso utilizado por Ernest Hemingway, o de enumeração, de seqüência: primeiro, vieram as chuvas; depois, caíram as folhas, o que demonstra o efeito das chuvas sobre os galhos e sobre os troncos. Hemingway deu uma gradação aos fatos, gradação essa desconsiderada. A narrativa, portanto, passou a ser apenas a constatação do que ocorreu, sem causar no leitor a idéia de que um fato era acrescido a outro com a finalidade de causar a real sensação do ambiente no qual se desenrolava a história.

EXEMPLO 4 –Explicitação de referentes e reescritura:

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
If they killed men as they did this fall the Allies would be cooked in another year (p.133).	*Se eles matassem os homens como eles fizeram esse outono, os aliados estariam fritos no ano seguinte.*	*Se os alemães matavam os aliados daquela maneira, a guerra teria de prolongar-se muito ainda. Disse que estávamos fritos [...]* (p.115).

COMENTÁRIOS:

Lobato entendeu ser melhor esclarecer para os leitores que se tratava dos alemães, então, ele explicitou o *"they"* (eles), usando o referente *"alemães";* e ao mudar sintaticamente "[...] *we would be cooked"* para *"Disse que estávamos fritos"*, Lobato reescreveu a sentença.

EXEMPLO 5 – Impropriedade vocabular:

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO LOBATIANA
...and the water was clear and swiftly moving and blue in the channels (p.3).	*...e a água era clara e se movia deslizante e azul nos canais..*	*...a água muito límpida corria azul nos pontos mais fundos* (p.11).

COMENTÁRIOS:

A remodelação para Lobato era a empreitada de recontar os fatos com suas palavras, e não a trazer uma nova forma de escrita da cultura-fonte para a cultura-meta. Lobato ora diminuía os períodos e ora os aumentava. Ele traduziu o vocábulo *"channels*" por "*pontos mais fundos*", nesse caso, uma explicação duvidosa para o vocábulo em questão.

EXEMPLO 6 – Impressão de ambigüidade:

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
I smiled at the priest and he smiled back across the candle-light (p.8).	Sorri para o padre e ele sorriu de volta para mim através da luz da vela.	*Ri-me e do outro lado da mesa o padre fez o mesmo* (p.15).

COMENTÁRIOS:

Lobato imprimiu uma ambigüidade à sentença ao utilizar o pronome reflexivo *me.* Primeiro, parece-nos que Frederic riu de si mesmo e, por conseguinte, nos leva a supor que o padre riu *de si mesmo* e não *para* Frederic .

EXEMPLOS 7– Interferências de posturas ideológicas:

Monteiro Lobato aproveitou determinados momentos da tradução para inserir elementos condizentes com suas crenças, o que pode ser percebido nos exemplos abaixo:

7.1

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
All thinking men are atheist [...] (p.8).	*Todos os homens que pensam são ateus [...]*	*Todos os homens que pensam com suas cabeças são ateus [...]* (p.15).

COMENTÁRIOS:

Ao encontrar, nas cartas de Monteiro Lobato, várias alusões a Nietzsche, poderíamos inferir, na tradução desse trecho, a influência que este filósofo teve sobre ele. Nietzsche apregoava que todo ser humano deveria aprender a pensar por si mesmo, a pensar sobre os fatos que o cercam, não utilizando conceitos já pré-formulados. A tradução desse trecho talvez reflita a interferência desse filósofo no pensamento de Monteiro Lobato.

7.2

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
...how we did not do the things we wanted to do [...] (p.13).	*...como nós não fizemos as coisas que queríamos fazer [...]*	*...às vezes queremos fazer uma coisa e tudo conspira para que não a façamos [...]* (p.19).

COMENTÁRIOS:

Sabedores das dificuldades pelas quais passou Lobato em relação ao seu sonho de tornar o Brasil em uma grande potência, a sentença acima deixa-nos a sensação de um grande desabafo de sua parte.

7.3

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
The thing is not to recognize it (p.134).	*A questão é a de não aceitarmos isso.*	*O problema era esconder do povo a situação* (p.115).

COMENTÁRIOS

Ao tratarmos de Monteiro Lobato, o escritor, ficou estabelecido que, para ele, escrever seria como travar uma batalha , portanto, cada palavra deveria ser bem pensada, ter a sua motivação. Portanto, essa teria sido a provável razão de ele ter usado palavras tão contundentes para a tradução supracitada. Estamos convictos de que Lobato manipulava o texto traduzido para adequá-lo às suas posturas ideológicas, tal como já mostrado nos dois exemplos anteriores.

7.4

ORIGINAL	SUGESTÃO DE TRADUÇÃO	TRADUÇÃO DE LOBATO
She said she had no religion and the woman drew a line in the space after that word. She gave her name as Catherine Henry (p.313).	*Ela disse que não tinha religião e a mulher desenhou uma linha no espaço depois dessa palavra. Ela deu o seu nome como Catherine Henry.*	*Nome: Catherine Henry. Religião: nenhuma* (p.254).

COMENTÁRIOS

Ao observarmos o quanto esse extrato foi remodelado, percebemos, uma vez mais, que Lobato não traduzia aleatoriamente: cada palavra e cada estrutura sintática eram muito pensadas. No período em questão, o resultado foi uma clara manifestação lobatiana sobre o que seria a religião para ele.

Ao examinarmos a tradução lobatiana de *A Farewell to Arms,* de Ernest Hemingway, que recebeu o título em português de *Adeus às Armas*, notamos a proximidade entre as posturas teóricas de Monteiro Lobato e a sua prática tradutória. De fato, Lobato tomou o texto de Ernest Hemingway como ponto de partida e se sentiu livre o bastante para reescrevê-lo, modificando-o sintática e semanticamente, como demonstraram os exemplos presentes no capítulo 4 desse trabalho. Nesse sentido, ele se aproximou dos ideais antropofágicos que emergiram da Semana de Arte Moderna de 1922, devorando a tradição européia, encarnada pelo norte-americano Ernest Hemingway, a partir do arsenal que sua língua e que a cultura da mesma lhe deixaram à disposição.

Por outro lado, contrariamente às posturas teóricas e práticas dos irmãos Campos, para quem a recriação é a possibilidade de violentar a língua da tradução através do original, para Monteiro Lobato a "remodelação" e a "recriação" significaram, na prática, a domesticação do original.

Notamos, também, que Monteiro Lobato aproveitou determinados "ganchos" que lhes ofereciam certas palavras em inglês, para fazer uma tradução carregada da ideologia por ele possuída, explicitando a sua decepção com os governantes que, segundo afirmou, não possuíam os mesmos ideais que os seus: os de tornar o Brasil uma nação próspera. Ele se deu essa liberdade sobretudo por ser o próprio editor/patrocinador de sua tradução.

A pesquisa realizada nos mostrou ainda que Monteiro Lobato tornou-se responsável, no seu tempo, pela formação de sujeitos domésticos, através não só das obras que escreveu, como também das traduções que escolheu fazer e editar/patrocinar. Dessa forma, a análise da tradução feita por Monteiro Lobato de *A Farewell to Arms* torna patente o quanto a tradução é uma atividade política, inserida em um contexto histórico, que a torna diferente

de diversas outras traduções feitas por diferentes pessoas, em diferentes línguas, locais e tempos. Além disso, essa análise traz à mente as palavras de Nélson Archer (1989) de que "*a mais perfeita tradução seria aquela inexistente"* (p.146).

Esse trabalho não esgota o assunto sobre Monteiro Lobato como tradutor. No entanto, nos sentimos gratificados pelo fato de termos iniciado essa pesquisa, quando muito pouco havia sobre **Monteiro Lobato, o tradutor.** Sabemos, assim, que muito há que ser acrescido ao que pudemos detectar até a presente data, pois como disse o próprio Monteiro Lobato: "[...] há horizontes, mais horizontes – sempre mais horizontes além do último horizonte" (1959:242).

ANUÁRIO Brasileiro de Literatura (1943 – 1944), nos. 7-8. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, 1944.

AZEVEDO, Carmem Lúcia de, *et ali. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia.* 2ª- ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves, WYLER, Lia. *Brazilian Tradition.* In: BAKER, Mona (ed.) Routledge Encyclopaedia of Translation Studies. London: Routledge, 1998. p.326-332.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.* São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

DESLILE, Jean & WOODWORTH, Judith. *Translator through history.* Unesco Publishing: John Benjamins Publishing Company, 1995.

DOLLERUP, Cay & APPEL, Vibike. *Teaching and Interpreting 3.* Amsterdan/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

HEMINGWAY, Ernest. *A Farewell to Arms.* New York: Charles Scribner's Sons, 1969.

------. *ADEUS ÀS ARMAS.* 15ª- ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

HIGH, Peter B. *An Outline of American Literature.* London: Longman,1997.

LEFEVERE, André. *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context.* New York: The Modern Language Association of America, 1990. Chapter 4.

------.*Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame.* London: Routledge, 1992 a. Capítulo 1 e 2.

------.*Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame.*London: Rotledge, 1992b. p.11-25. Trad.Giovana Cordeiro Campos. Juiz de Fora: UFJF, 1º-semestre,2001 (Mimeo).

----- . *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame.*London: Rotledge, 1992 c. p. 1-10. Trad. Juliana Soares Fagundes. Juiz de Fora: UFJF, 1º- semestre, 2001 (Mimeo).

LOBATO, Monteiro. *Conferências, Artigos e Crônicas.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

------. Traduções. In: AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido* - Edições de Literatura Traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp, 1999, p. 157-160.

------. *A Barca de Gleyre.1º- e 2º- tomos.* São Paulo: Brasiliense Ltda, 1956.

------. *URUPÊS.* São Paulo: Brasiliense Ltda, 1946.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. Anotações da disciplina Tradução II, do Curso de Bacharelado em Letras - Ênfase em Tradução/Inglês. Ufjf. 2 semestre.

PEREIRA, Maria Tereza Gonçalves. *Processos Expressivos na Literatura Infantil de Monteiro Lobato*. In: Cadernos da Puc RJ: Sobre Monteiro Lobato, RJ, Série Letras – 10/82, p.71-101, out.1982.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. From on the different methods of tranlating. In: SCHULTE, Rainer, BIGUEMET, John (ed.). *Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida.* Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 36-54.

VASCONCELLOS, Zilda. *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato.* In: Cadernos da Puc RJ : Sobre Monteiro Lobato, R.J., Série Letras – 10/82, p31.-69, out.1982.

VENUTI, Lawrence in SIGNORINI, Inês. *Lingua (gem) E Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.* Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

------. *Invisibility: a history of translation.* London, New York: Routledge, 1995. p.1-42.

VIEIRA, Adriana Silene. Monteiro Lobato Translator. In: MILTON, John (ed). *Emerging Views on Translation History in Brazil.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. p.142-169.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Fragmentos de uma história de travessias: tradução e (re) criação na pós-modernidade brasileira e hispano-americana. REVISTA DE ESTUDOS DE LITERATURA.* Belo Horizonte: UFMG, v.4, p. 61-80, out.90.

WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alverga. *A TRADUÇÃO NO BRASIL OFÍCIO INVISÍVEL DE INCORPORAR O OUTRO.* Dissertação de Mestrado. Rio de janeiro: UFRJ, 1995.

INTERNET

Monteiro Lobato. Capturado em 29 de março de 2001. Online.
Disponível na Internet: http://www.graudez.com,br/detudoumpouco/litinf/lob-biog.htm

Monteiro Lobato. Capturado em 30 de abril de 2001. Online.
Disponível na Internet: http://www.resumodaliteraturainicioseculoxx.htm

Hemingway, o caçador de si mesmo. Capturado em 16 de março de 2002.
Disponível na Internet: http://www.tanto.com.br

Ernest Hemingway and *The Kansas City Star*. Capturado em 17 de março de 2002.
Disponível na Internet: http://www.kcstar.com